

Projeto “Teatro de Fantoques – Biodiversidade Urbana”

GUIÃO - Parte I

Com a abertura do cenário é introduzida a primeira personagem, que é o espantalho Carolino. Ele apresenta-se ao público falando de si e da sua missão:

CAROLINO : Olá a todos !

Chamo-me Carolino e sou um espantalho,
Venho contar-vos o que faço no trabalho.
Desde a Primavera, com a sementeira feita,
Que não deixo os campos senão à colheita.

São muitas as aves, sem serem demais.
Rondam as searas, comem cereais.
Os corvos e as gralhas preferem o milho,
Se não estou atento, é grande o sarilho.

Ao arroz e ao trigo vão mais os pardais,
Tordos, pintassilgos e outros que tais.
É a biodiversidade do Baixo Mondego,
Que à noite traz ratos, toupeira e morcego.



Interrompe aqui o discurso para chamar a atenção do público:

- Olhem só.. estão a ver aquele rato ali ? *(entra em cena o Rato Manuel..)*
- Aquele rato do campo é meu vizinho e chama-se Manuel. Ele bem sabe que já terminei a minha missão. Por isso é que vem agora, todas as noites, encher a barriga com o grão de milho e os bagos de arroz que a ceifeira deixou cair na terra aquando da colheita.
- Quase que sou capaz de adivinhar que o Manel não vem sozinho. Nesta altura das férias de Verão, ele tem sempre a companhia do primo, aquele rato sabichão lá da cidade...

MANUEL , Rato do Campo : Olá a todos !

Sou um rato do campo, ágil e simplório,
E conheço muito bem o meu território,
É um ecossistema que vive com o Rio,
E tem arroz carolino, que muito aprecio.

Viver na cidade não me causa inveja,
Eu gosto é do campo, tremoço e cerveja.
Sou filho da terra e da mãe Natureza,
Daqui eu não saio, com toda a certeza!



(entra depois o Rato DOUTEL “nas calmas”; o espantalho manifesta-se)

CAROLINO : Eu não vos disse que o Manel trazia companhia ?

DOUTEL , Rato da cidade : Olá a todos !

Estou aqui de férias, com o primo Manel,
Mas sou da cidade e o meu nome é Doutel.
Sou DOUTOR em letras, toda a gente o vê,
Devo ser tratado por Doutor Doutlet.

Leio imensos livros desde tenra idade,
E já sou catedrático na Universidade,
De dia é repouso, que bela soneca,
E à noite investigo, pela Biblioteca.



(Depois desta apresentação, o espantalho Carolino volta a manifestar-se)

CAROLINO : - Como vêem, estes dois primos não podiam ser mais diferentes.
- O rato doutor só vem aqui ao campo nesta altura do ano para encher a barriga com os bagos de arroz e com os grãos de milho. E também para brincar às escondidas nos labirintos de colmos das searas do milho...
- Mas ele deve estar quase de regresso à sua Biblioteca, lá na Universidade de Coimbra.

Ao cair da tarde ouve-se uma sineta a badalar, lá longe, para os lados da cidade de Coimbra. Retomando a pose e a sapiência, Doutel anuncia ao primo Manel que está chegada a hora de voltar a sua casa, na cidade:

DOUTEL, Rato da cidade :

É o sino da velha torre, a “Cabra” a chamar por mim,

E quando é ela quem chama, as férias fecham assim.

(Ver Nota nº 1 no final)

CAROLINO :

Em cada ano que passa, vem sempre este Rato com a mesma conversa.

Cá para mim é alguma vizinha muito especial que o Senhor Doutor Doutel tem lá na zona alta da cidade.. Mas pode ser que desta vez o meu amigo Manuel se decida a perguntar ao primo que história é esta e quem é a velha “Cabra”.

MANUEL, Rato do Campo (*a medo*):

Eu acho, primo Doutel, muito estranha a tua história.

De ovelhas em transumância, ainda guardo memória.

Vinham dos pastos serranos, pelas margens do Mondego,

Pastar restolhos dos campos, que já estavam em sossego.

E sei que os rebanhos da Serra tinham cabras à mistura,

Ter-se-á perdido alguma, em busca de outra cultura ?

DOUTEL, Rato da cidade (*por entre sonoras gargalhadas*) :

Querido primo Manel, que sempre foste tão discreto,

Terás de vir à cidade, nem que seja por decreto,

Para conhecer a tal Cabra, morcegos, capas, batinas..

E outra biodiversidade, tu nem sequer imaginas.

Rato Manel (*a cantarolar, mas abanando a cabeça em sinal negativo..*):

Água leva o ribeirinho, água leva o Rio maior,

Eu volto pró meu moinho e tu pró teu computador.

Rato Doutel (*também ele cantarola a mesma melodia, bastante conhecida*):

Água leva o regador, água leva o regadinho,

Eu ligo ao computador e o Manel liga ao moinho.

Os primos despedem-se com um abraço que marca o fim da 1ª parte da peça.

GUIÃO - Parte II

Ocorre uma ligeira alteração no cenário, com a remoção da componente de paisagem agrícola. O recomeço é marcado pela entrada em cena de uma nova personagem, a abelha Polis que, doravante, assume funções de narrador. A sua voz fininha lembra a do grilo falante. É, por isso, muito adequada à missão de despertar a consciência ecológica das pessoas que, sobretudo nos altos espíritos decisores, está ainda entorpecida ou então pouco informada.

A Abelha POLIS apresenta-se e fala das graves preocupações ambientais.

POLIS : Olá a todos !

Eu sou a abelhinha POLIS e sou muito diligente,
Vim do campo para a cidade, foi uma escolha inteligente,
Já que o clima está de loucos e há tão poucos rurais,
É alto o risco de fogos, entre os densos matagais.

E já ardeu tanta área de aptidão bem florestal,
Que mesmo repovoada ... (de acácias e eucaliptal !),
Está sem cabras sapadoras, tem fogos e não chanfana,
Acho mesmo que esta história é própria de gente insana.

(a abelha Polis encolhe os ombros, conternada)

Mudei-me então para Coimbra e escolhi este Jardim,
Que é Botânico e diferente, mas tem flores boas para mim.
E até me deram emprego, são funções de cicerone,
Mas sem ter direito a férias e a ganhar menos que um drone...

A verdade é que o clima já não é o que se pensa.
Recordam-se do mês de dezembro e da sua chuva intensa ?
Com os terrenos inundados e a água pelos telhados,
Ficou toda a bicharada com os pêlos bem molhados.

E até o Rato do Campo, contra tudo o que era lógico,
Veio viver para Coimbra como refugiado ecológico,
Na casa onde mora o primo, que demonstrou amizade
Partilhando a residência em zona alta da cidade.



Rato Manel *(muito triste):*

Mas que situação terrível, até para um rato esperto,
 Não conseguir encontrar um abrigo bem coberto,
 E como eu não sou a lontra, que gosta de água p`los pés,
 Fiz o que faz a andorinha, um ninho nas chaminés.

São aves que nidificam em pequenos povoados.
 Mas o Homem e o clima andam mal relacionados.
 E se melros e andorinhas lidam bem com o desnorte,
 Já eu... estou para aqui fechado, aborrecido de morte.

Rato Doutel *(entrando em casa, muito animado)*

Muda a cara, caro Primo, que hoje vamos arejar,
 Conhecer a velha Cabra, que está sempre a badalar,
 E no parque da Sereia e das cantigas de encantar,
 Beber um copo de Brandy na praça do LiquidâmBAR.

Nesta altura re-entra em cena a abelha Polis, que até mora perto da zona alta da cidade, no Jardim Botânico. Entra “picada” e em voo picado, mostrando que não concorda com o plano do passeio proposto pelo Rato Doutel).

POLIS :

Ó DOUTOR, faça o favor de olhar melhor a cidade,
 Nada do que nos sugere mostra biodiversidade,
 Venham antes passear junto aos Arcos do Jardim,
 Onde fomos colocar caixas-ninho para o chapim.

Procure antes um carvalho, medronheiro ou azevinho,
 Azeireiros e olaias, também os vemos pelo caminho.
 A árvore do âmbar líquido até nem é cá de Portugal,
 Liquidâmbar é na América, em idioma original (Ver Nota nº 2 em rodapé final)

Da Bolívia e da Argentina, aceito os jacarandás,
 Pintam o chão da avenida com flores de cor lilás,
 E quem lhes juntou tipuanas (ou jacarandá amarelo),
 Jogou com as cores da cidade para fazer efeito belo.

Rato Manel (*inicialmente muito entusiasmado e depois preocupado*):

Assim é muito interessante passear pela cidade,
É um dia bem passado, por ser muita a novidade,
Só que a biodiversidade pode também ser dramática,
Vejam só que grande ninho ali fez a vespa asiática. (*e aponta para o ninho*)

Rato Doutel (*muito assustado mas sem perder o seu latim, decide regressar a casa, resmungando...*)

Vou *de retro*, vou *de retro*, que preciso repousar,
Vai comigo o alfabeto, que se pode constipar ! (Ver Nota nº 3 em rodapé final)

POLIS :

Vamos mas é alertar, enquanto a árvore é caduca,
Para retirarem o ninho, mas sem usar a bazuca.
E vamos os três tomar um chá na avenida das tílias,
Que a Vida e o Ambiente dispensam haver quezílias.

----- Fim da Peça e cai o pano-----

Coimbra, 29 de Maio de 2020

Notas finais :

- 1) As duas linhas de verso inspiram-se na letra de uma balada tradicional coimbrã.
- 2) Existe na Praça da Republica o Bar LiquidâmBAR. Quanto à árvore em si, de seu nome científico *Liquidambar styraciflua* L., embora de grande interesse ornamental e estética muito agradável, é originária dos Estados Unidos da América e México oriental. A tradução para português de “liquid âmbar” será “âmbar líquido” e o nome vulgar de árvore-do-âmbar.
- 3) Esta pequena quadra vai também recolher inspiração a um pequeno e delicioso poema da autoria de Alexandre O’Neil).
- 4) Entre as fontes documentais consultadas na pesquisa de suporte ao projecto, destacam-se :
 - NATUREZAS de COIMBRA, uma edição limitada (3000 ex.) da Câmara Municipal/ Pelouro da Cultura, Turismo e Espaços Verdes.
 - texto do biólogo Jorge Paiva, disponível em <https://dep.estgv.ipv.pt/departamentos/amb/a-biodiversidade-urbana-alteracoes-e-enriquecimento/>.